

DE CEIRA A VILAR DE MOUROS

Mochilas prontas e lá fomos, eu e o Augusto Teixeira, rumo a Vilar de Mouros, à boleia, obviamente. Íamos com tempo, não havia que ter pressa.

A Estrada da Beira foi o ponto de partida e, recorde, num “tirinho”, fomos parar ao Porto. Aqui houve que meter umas sandes, ainda frescas, deambular por aqui e levantar o dedo por ali, mas o melhor foi apanhar um transporte público para a saída da cidade, onde o tempo de espera foi longo. Já perto da noite lá acabámos por ir até à Póvoa, num 2 cavalos, daqueles altos, de mercadorias. O Augusto salta para o banco da frente e eu e as mochilas misturámo-nos, atrás, com as ferramentas de construção civil.

Chegados, já noite, à Póvoa do Varzim, com uma chuva miudinha a dar-nos as boas vindas, o melhor local para pernoita foi, junto ao jardim, num alpendre, costas com o posto da Polícia local. Olharam-nos..., a medo explicámos, compreenderam e não chatearam.

Noite mal dormida, mas bem guardados e, a padaria ali perto, recebeu os primeiros clientes, aí para as cinco e meia da matina. Foi ver nascer o sol embicar pela rua de saída e ir andando até aparecer a primeira boleia do segundo dia.

Se a memória não me traiçoa a primeira etapa levou-nos a Viana do Castelo e daí a Caminha, onde chegámos cedo, com tempo para digerirmos um bocado de praia, ali junto à Mata do Camarido, na Foz do Minho, uma sesta para compensar a noite mal dormida e o resto do pão da manhã, com o que restava do farnel, ainda da mãe.

Mais tarde foi tempo de procurármos a direcção Vilar de Mouros e nos pormos a caminho para o desejado destino.

Em Caminha havia já muita rapaziada e uns autocarros a preços reduzidos, para vencer aqueles cerca de oito quilómetros. Nas paredes viam-se uns papeis apelando aos motoristas para darem boleia à rapaziada. Como o dinheirito era pouco e ainda havia muita tarde, fomos andando e teimando na boleia e lá parou alguém simpático e falador, que meteu mais dois no carro que já ia cheio. Estrada sinuosa, vencida por quem parecia conhecê-la como as próprias mãos. Ficámos, então, a saber que íamos com o Dr. António Barge, nem mais nem menos, o organizador do festival.

Quinze minutos de curvas vencidas e...Vilar de Mouros...deslumbrante! Antevéspera de início do festival, gente por todo o lado, roupas berrantes, cabelos compridos (como os nossos). No recinto do festival jogava-se à bola e os carpinteiros concluíam o trabalho

de palco já ao som dos primeiros ensaios das aparelhagens. No rio (paisagem idílica), o banho era colectivo e sem preconceitos, sob o olhar incrédulo das vacas, ali ao pé, despertadas do seu sossego e pachorrentamente complacentes.

A noite aproximava-se e era preciso local para dormir. Um nosso amigo da ocasião, de Famalicão, dizia-nos: É pá! Tenho ali sítio para ficar, na “loja” de uma casa no centro da Aldeia, não montem já a tenda e, se os meus colegas não aparecerem, vocês vão comigo. Apareceram, já governados, e lá fomos. Bem ali no centro, uma senhora de bem, simpática e compreensiva, alojou-nos, numa coexistência pacífica, com o burro obrigado a repartir o seu “habitat”. Cama de palha de centeio, mesa e roupa lavada.

O dia a seguir foi de descanso a desfrutar as belezas naturais de Vilar de Mouros no fervilhar expectante do início do Woodstock português.

Primeiro dia de festival, aquela pacata terra acorda com o caos a instalar-se progressivamente: Acabam os mantimentos, fecham as duas tabernas e a mercearia, o café resiste por pouco mais tempo. Nos passeios, em frente aos estabelecimentos fechados, joga-se à bisca e à sueca, numa sã convivência de gerações dos naturais que não emigraram e visitantes. Mais tarde vencido o primeiro receio e com algum reabastecimento, foram mantendo-se abertos. A GNR aparece e controla, sem complicar muito, o recinto começa a encher e, de vez em quando, os altifalantes anunciam: menina ... e irmã, seus pais vos esperam à entrada do recinto. Risada geral! Nunca cheguei a saber se o anúncio era a sério ou brincadeira.

Assim começaram dois dias de sonho, a música era meio sustento, com sorte, nos comes e bebes, instalados ao fundo do recinto, eu o Augusto e o amigo de Famalicão, que não recordo o nome, comemos quase sempre à conta de alguém mais endinheirado ou que se havia deslocado para alimentar os filhos. Recordo aquele frango de caril quando esperávamos para ocupar lugar: comam, está limpo, já não queremos mais.

1111, Pop Five Music Incorporated, Elton John, Manfred Man (ah!ah! said a clown), foram desfilando, numa atmosfera de paz, amor e, aqui e ali, o odor mais acre de algum haxixe, contagiando uma assistência bem comportada ora sentada, acolá deitada, dançando ali um grupo ou aquela, solitariamente isolada, gesticulando ao céu o agradecimento a um qualquer Deus. Era assim!

A nossa “governanta” apercebendo-se da dificuldade de arranjarmos mantimentos, preparava-nos o farnel (aquela brôa negra!!) e, no último dia, até tivemos arroz-doce.

De manhã, ou melhor, após levantar, a fruta autorizada da quinta era o primeiro alimento. A despedida e a bondade da Senhora, trouxe-nos lágrimas e a sensação de termos vivido qualquer coisa que jamais iríamos esquecer.

Primeiras horas de segunda-feira, inicia-se a debandada do regresso. A Senhora da casa tinha feito questão de nos dizer: Não vão de madrugada, descansem de manhã e depois partam. Assim fizemos e, fim da manhã, depois de um lauto pequeno-almoço e um terno e até sempre obrigado à nossa paciente e bondosa hospedeira (anos mais tarde tive oportunidade de a visitar, a Dona Mariazinha, assim se chamava, e recordar esse tempo), fizemo-nos à estrada.

Éramos milhares até Caminha, a pé, os rostos denunciavam as noites mal dormidas.

Chegados a Caminha: Ó Augusto, vamos de combóio até Vila Praia de Âncora, depois deve ser mais fácil apanhar boleia. E assim foi... mas muitos pensaram da mesma maneira!

Tarde, lá chegámos a Viana, anoitece e boleia...nada! Recordo a preocupação daquela mulher, talvez vendo em nós algum dos seus filhos: Áh! Seus caraças! (ela não disse caraças), a vossa mãe sabe que vocês andam nesta vida? Venham que vos arranjo onde dormir ali em casa. Respirámos fundo, estava resolvido, mas lá acabou por aparecer um Mercedes e uma voz meio irritada: Entrem aí para trás! Levo-vos porque os meus filhos também andaram pr'áí como vocês! A desconfiança rapidamente se desvaneceu e, nessa noite, fomos pernoitar num abrigo de eléctricos, ali junto à Torre dos Clérigos, no Porto. O dia seguinte decorreu com mais sono do que história e lá chegámos a Ceira. No bolso a agenda desse ano, ainda guardada religiosamente, com o apontamento de sessenta e tal escudos de despesas durante esses dias e, na memória, um dos melhores registos da minha juventude.

Os dias que se seguiram foram de relato mais ou menos minucioso à rapaziada que por cá tinha ficado, de toda aquela aventura. A Flama (quem se lembra dessa revista?) deu-nos a honra de uma fotografia nas páginas centrais.

Em Abril passado morria o fundador do Festival, Dr. António Barge. Estas linhas são também a repetida homenagem a um Homem que marcou a minha geração.

Julho 2002

António França